

Que outros lhe chamem “o filólogo Sousa da Silveira”, que outros lhe chamem “Doutor Sousa da Silveira”, que outros lhe chamem, em futuro próximo, “acadêmico Sousa da Silveira”; para mim ele sempre será o Professor Sousa da Silveira.

(In *Alfa-Ômega*, publicação dos alunos do Colégio Pedro II, Diretor Fernando Ferreira, ano 2, nº 5, nov. 1945, pp. 2-3.)

SOUSA DA SILVEIRA, PATRONO DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOLOGIA PORTUGUESA.

(1973)

[Palavras proferidas em nome da Comissão Diretora do Congresso, na sessão inaugural de 12/11/1973, realizada no auditório da Reitoria da Universidade Federal Fluminense, em Niterói.]

Coube-me a honra, nesta sessão de abertura do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, de falar das razões por que os organizadores entenderam de lhe dar como Patrono a Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira. No meu caso pessoal, esta honra é acrescida de alegria, porque muitos e muitos estreitos foram os laços que me prenderam ao venerando mestre e a ele ainda hoje me ligam, pela saudade e pela gratidão. Fui-lhe assistente durante 10 anos na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, e por mais tempo ainda o frequentei, num convívio quase diário, altamente proveitoso para mim. Aprendi então a admirar uma figura extraordinária de homem, desses que melhor representam a nossa espécie e nos defendem nas horas de cepticismo e de pessimismo quanto à capacidade ascensional do “homo sapiens”, constantemente atraído para os abismos e permanentemente convidado à mediocridade moral e espiritual. Tenho de refrear-me para não gastar todo o tempo desta homenagem a falar das excepcionais e peregrinas virtudes do amigo e paradigma, quando só me cabe evocar a figura do filólogo e do pioneiro da Crítica Textual no Brasil. Realmente, ninguém poderá negar a Sousa da Silveira a excelência e a precedência nesse setor.

Embora formado em Engenharia Civil, afeito à rigorosa e mecânica exatidão da Matemática e da Física, nunca perdera, ainda quando no exercício da primeira profissão, o gosto que no colégio adquirira pelas páginas modelares de prosa artística e de poesia. Não se dedicava então de corpo e alma às letras, porque entendia que o estudo delas se situava no plano conjectural, na área

das preferências pessoais, no jogo das opiniões diferentes ou conflitantes. Quando, lendo mestre Leite de Vasconcelos, descobriu que havia uma ciência lingüística, deixou o compasso e a régua de cálculo e mudou de profissão. Foi um autodidata, mas, espírito fortemente disciplinado que era, soube abrir caminho largo e seguro, num terreno cheio de escolhos, vegetação selvagem e bruscos desníveis. Trouxe para sua nova especialidade o rigor das ciências do “quantum” e as intuições de uma alma sempre sequiosa de beleza. Usando linguagem pascaliana, direi que ao “esprit de géometrie” acrescentou o “esprit de finesse”. Movido pelo primeiro, sentiu a imperiosa necessidade de trabalhar com textos autênticos e fidedignos, e inspirado pelo segundo, sempre cuidou de extrair desses textos e de manifestá-los, todos os primores que neles se continham, toda a grandeza e harmonia, toda a perfeição de labor. Além disso, esforçou-se incansavelmente, por descobrir, em cada obra de arte sobre que se debruçava, aquilo a que Maritain chama o “signe retourné”, ou seja, o recado personalíssimo de autor, a mensagem discretamente posta nas dobras do quadro. Pretendi com isso dizer, que Sousa da Silveira tinha naturalmente, e desenvolveu-as acuradamente, as qualidades para ser, como foi, excelente filólogo.

Pode-se dizer que a primeira tentativa de trabalho filológico do mestre, foi *Trechos Seletos*, antologia aparecida em 1919, e que iria ter sucessivas e sempre melhoradas edições, até a 6ª e última. O livro resultou de uma seleção de textos comentados em aulas particulares, dadas a um grupo de moças que queriam aperfeiçoar seus conhecimentos vernáculos. As fontes de que se serve o autor, nem sempre são boas, mas eram as que ele teve à mão. Porém, os comentários já revelam segurança e amplo conhecimento dos fatos idiomáticos. Traz uma introdução histórico-gramatical, que mostra um homem familiarizado com a bibliografia fundamental da lingüística portuguesa, e armado de senso crítico e discernimento, que o levam a provar que muitos dos supostos brasileirismos - inclusive o da colocação de pronomes-objeto átonos - são encontráveis em Portugal, apenas com menor frequência.

Mas a obra que consagra Sousa da Silveira como abalizado filólogo, e sobretudo como pioneiro dos trabalhos filológicos no Brasil, é a edição crítica de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, o introdutor do romantismo em nossa literatura. A edição é do Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1939, e apresenta-se como volume 2º das Obras Completas, cujo 1º nunca veio à luz. O editor crítico toma por base a edição de 1865, última de vida do autor, e coteja-a sistematicamente com a versão de 1836 e a de 1859, anotando, inclusive, as variantes gráficas. Jamais se fizera coisa semelhante no Brasil. Foram poucas as referências na imprensa, pequena a repercussão, mas numerosos e frequentes os murmúrios que condenavam o

exagero e a descabida minuciosidade do anotador, a perder tempo e papel com ninharias. Transcrevo um tópico do Prefácio, intitulado “A presente edição”, tópico este que mostra bem a seriedade com que foi conduzido o trabalho, e o escopo visado pelo editor pioneiro: “As modificações estilísticas que o autor fez de *alfa* para *beta* são numerosas; as de *beta* para *gama* são poucas; de tal maneira que se poderá dizer que o texto de *gama* quase não diverge do de *beta*. Ao limar o texto de *alfa*, Magalhães procurou eliminar a forma sincopada *pra*, que em geral substituiu por *para* ou *a*. Evitou a repetição de palavras, quando ociosa ou desagradável. Esforçou-se por melhorar a sua linguagem, reaviando-a às boas normas gramaticais em vários pontos em que delas se afastara. Por exemplo: o verso da página 149 de *alfa*: “E amanhã? Só Deus sabe onde acharei-me”, o qual vem modificado em *gama* deste modo: “E amanhã? Onde irei? Só Deus o sabe”. A observação atenta deste trabalho de aperfeiçoamento estilístico oferecerá ao estudioso do idioma, algumas lições proveitosas. Da maneira como está feita, esta edição, ao mesmo tempo que dá o texto da última da vida do autor, permite uma reconstituição bastante precisa da 1ª, a de 1836, que se considera como a inauguradora do Romantismo entre nós, e ministra uma idéia bem fiel da edição de 1859. Além disso, traz comentário a respeito da língua, e registra, embora muito escassamente, pontos de contacto entre passagens de Magalhães e composições de outros autores.

Até aqui, Sousa da Silveira: isto, que hoje em dia seria quase trivial, entre nós, nos trabalhos de filologia, àquele tempo eram uma grande novidade.

Em 1945, o nosso homenageado dá à estampa uma das obras mais importantes de toda a produção filológica brasileira: *Textos Quinhentistas*. Editado pela Faculdade Nacional de Filosofia, reúne quatro obras-primas da literatura clássica portuguesa, com os respectivos textos rigorosamente estabelecidos e ricamente comentados: “Sôbolos rios” de Camões, “Crisfal”, supostamente de Cristóvão Falcão, “Castro”, de Antônio Ferreira, e o “Auto da Alma”, de Gil Vicente. Aí aparece já Sousa da Silveira em plenitude. Aquela segurança que foi seu apanágio, a medida e compostura que não lhe permitiam aventar opiniões mal fundadas, nem assumir atitude dogmática ou radical, o vasto e sólido conhecimento da língua de 500, da Bíblia e dos autores eclesiásticos, nomeadamente os Santos Padres, isto permitiu-lhe uma exegese sempre boa, e muitas vezes excelente, dos passos mais ou menos difíceis, mais ou menos obscuros. Na 3ª edição que os senhores congressistas vão receber de *Dois Autos de Gil Vicente*, preparada para sair a tempo de alcançar este Congresso, vêm reproduzidas em fac-símile a folha de rosto e seu verso do exemplar de *Textos Quinhentistas*, reservado para si pelo autor, e depois generosamente oferecido a quem neste momento vos fala. Aí vêm amostras das muitíssimas anotações e apontamentos para uma possível 2ª edição

melhorada, documento da constante atividade intelectual do autor, e de sua preocupação de aperfeiçoamento e maior penetração dos textos, mantida até o fim da vida.

Em 1940 viera a lume uma edição das *Obras de Casimiro de Abreu*, apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. Foi a 1ª edição crítica que se fez do poeta romântico. Em 1955 reapareceu ela muito melhorada, agora integrada na coleção de Textos da Língua e da Língua Portuguesa Moderna da Casa de Rui Barbosa. Neste trabalho, executado com o mesmo escrúpulo de sempre, Sousa da Silveira teve em mira defender Casimiro da pecha de escritor incorreto e mau versificador. Nesse sentido, multiplica notas pejadas de abonações, não só para mostrar e provar a vernaculidade do cantor de *Primaveras*, senão também para deixar patente que seu instinto rítmico o levou a empregar recursos excepcionais de métrica, utilizados pelos melhores conhecedores da tradição poética da língua. É uma obra de apologia, mas levada a cabo com perfeita competência e exemplar honestidade. Não posso e não devo fazer referência a todos os trabalhos filológicos do nosso homenageado. Mas creio que seria desprimoroso deixar em branco a nova edição de *Dois Autos de Gil Vicente*, muito enriquecida e trabalhada afanosamente para que pudesse ficar pronta em tempo de ser aqui distribuída aos senhores congressistas. Como outras obras congêneres do mestre, *Dois Autos* surgiu e foi-se aperfeiçoando com o tempo. A princípio eram duas conferências feitas no Instituto de Estudos Portugueses do Rio de Janeiro, durante o mês de setembro de 1943, respectivamente sobre o “Auto da Alma” e o “Auto dos Mistérios da Virgem”, conhecido como “da Mofina Mendes”. A rigor, duas aulas, muito didáticas, muito claras, convidativas à leitura e meditação dos dois textos vicentinos. O “Auto da Alma” desde muito antes vinha sendo objeto das investigações de Sousa da Silveira, que sobre ele já publicara várias coisas na *Revista de Cultura*, do Rio. Proferidas as conferências, publiquei-as eu, em *A Ordem*, do Rio, e tirei-lhes separata. Depois, com o acréscimo do texto integral das duas peças, em leitura crítica, saiu um pequeno volume, primeiro da série das publicações do Centro de Estudos de Língua Portuguesa, de que ele foi fundador e diretor-presidente até à morte. Talvez porque eu tivesse manifestado ao autor meu entusiasmo pela apresentação e exegese que fez dos textos, talvez porque eu tivesse escrito uma nótula sobre o silêncio de Santo Tomás no “Auto da Alma”, levantando a respeito três hipóteses, mas preferindo e justificando a última (que é: quando falam os padres, os teólogos emudecem), talvez por simples e gratuita benevolência, o fato é que tive a feliz surpresa de ver este trabalho dedicado a mim. Perdoem-me a impertinência e o esquecimento da sentença pascaliana “le moi est haïssable”. Penso que está aí uma das razões de ter sido o escolhido

ensejo do lançamento da nova e bela edição de *Dois Autos de Gil Vicente*. Não faltou nem faltará quem ponha defeitos nesta obra de Sousa da Silveira, mas os aristarcos se esquecem de que na época em que foi feita, e com os recursos de que dispunha o autor, melhor coisa não se podia fazer. E principalmente, não lhes é lícito negar que como visão geral, como exegese de conjunto, como interpretação do sentido global de cada uma das peças, nunca tinha havido antes, e nunca apareceu depois, nada semelhante. Até porque a fina e alta espiritualidade de Sousa da Silveira entrava em perfeita sintonia com a beleza, com a doutrina, e com o “signe retourné”, postos nas duas obras-primas.

Ao tempo em que viveu e atuou Sousa da Silveira, ainda não se tinha firmado, ao menos no Brasil, a distinção que hoje se faz entre os diversos ramos da ciência da linguagem. Para ele, Filologia era o estudo científico da língua, fundado principalmente nos textos, originais ou criticamente estabelecidos e rigorosamente comparados. Aplicando o conceito ao português, ele, seguindo a Leite de Vasconcelos, conceituava Filologia Portuguesa, como “o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua”. Entendendo assim a especialidade, nela progrediu consideravelmente ao longo do tempo, sempre muito bem aproveitado, e todas as vezes que empreendeu trabalhos de texto, fê-lo com tal segurança e acuidade, que hoje em dia eles continuam a ser absolutamente válidos.

Eu não queria dar por terminada minha gratíssima tarefa, sem fazer referência à atuação magisterial de Sousa da Silveira. Já não direi que foi professor modelar, zelosíssimo no cumprimento do dever, que isto talvez fosse dispensável a meu intento. Quero salientar, isso sim, que mais do que professor, ele foi Mestre, porque fez discípulos, porque marcou fundamento os que dele receberam lições regulares. A mais sensível, a mais característica dessas marcas, foi a tomada de consciência da importância do texto. E dentre os discípulos assim marcados, lugar de relevo cabe a Maximiano de Carvalho e Silva, o idealizador e organizador deste Congresso. Absorveu ele em cheio, e fundamente, o espírito do Mestre, e veio a ser seu mais fiel seguidor, modernizando, naturalmente, os processos de trabalho e aprimorando as técnicas de estabelecimento de texto. Mas, apaixonado por esse mister, também ele fez escola, no sentido estrito e rigoroso da palavra. Há vários anos vem formando e adestrando pequenos grupos de preparadores de textos, que sob sua orientação já têm realizado belas tarefas. Não contente, sonhou com um Congresso Internacional de Filologia, especialmente voltado para a Crítica Textual. Planejou-o, pôs-se em campo, e hoje ele é esta realidade que constitui empresa pioneira no gênero. De fato, é o primeiro que se realiza em tal

perspectiva. Como vêm os senhores congressistas, a circunstância de estarmos aqui reunidos decorre diretamente, por via de natural sucessão, da atividade inaugural de Sousa da Silveira. Logo, não poderia ser outro o Patrono deste certame: “et par droit de naissance, et par droit de conquête”. Os organizadores fizeram-lhe esta justiça. Aplaudimo-los nós outros, e nesta hora de abertura dos trabalhos, abrimos também os corações e elevamo-los num preito de louvor e de homenagem a um dos mais eminentes desbravadores de caminho no campo da Filologia e da Crítica Textual.

[Texto policopiado e distribuído aos congressistas.]